



PRÉ 17ª MOSTRA DE PRÁTICAS EM PSICOLOGIA



**A CABEÇA PENSA ONDE OS PÉS PISAM:
CAMINHOS DA PSICOLOGIA NO RIO DE JANEIRO**

REGIÃO SERRANA

PRÉ 17^A MOSTRA DE PRÁTICAS EM PSICOLOGIA



COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E EDITORIAL

Tiago da Silva Cabral (CRP 05/39728) – Conselheiro Coordenador

Isabel Scrivano Martins (CRP 05/26162)

PROJETO GRÁFICO

Julia Lugon

DIAGRAMAÇÃO

Thiene Alves

REVISÃO

Amanda Mesquita de Oliveira Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

AN532 17a Mostra Reginal de Práticas em Psicologia. Anais...Rio de Janeiro(RJ)
2024

ISSN 2175-1072

I. 17a Mostra Reginal de Práticas em Psicologia. Anais

CDD - 370

Conselho Regional de Psicologia 5ª Região

Rua Teófilo Otoni, nº 93 - Centro | Rio de Janeiro/RJ



COMISSÃO ESPECIAL DE EVENTOS

Colaboradora(r) - Mônica Valéria Affonso Sampaio (05/44523)

Conselheira(o) - Alfredo Assunção Matos (05/60474)

Colaboradora(r) - Elisa Martins Silva (05/64825)

Conselheira(o) - Thais Vargas Menezes (05/62992)

Colaboradora(r) - Mykaella Moreira dos Anjos (XXX.130.997-XX)

Colaboradora(r) - Iamara Gonçalves Peccin (05/73933)

COMISSÃO GESTORA DA REGIÃO SERRANA FLUMINENSE

Conselheira(o) - Victoria Antonieta Tapia Gutiérrez (05/20157)

Colaboradora(r) - Heverton de Souza Muniz Moura (05/61078)

Colaboradora(r) - Mayara da Rocha Lima (05/59183)

Colaboradora(r) - Vanessa Jabour Moreira Rodrigues (05/74127)



MONITORES:

Lorrayne Maciel de Azevedo

Pré Mostra - Baixada Fluminense (Monitoria)

Maycon Anderson Virgilino Patricio

Pré Mostra - Baixada Fluminense (Monitoria)

Camila Duarte Loureiro da Silva

Pré Mostra - Baixada Fluminense (Monitoria)

Natasha Valeska Ribeiro dos Santos

Pré Mostra - Baixada Fluminense (Monitoria)

Thamyres Dutra Barboza Anselmo

Pré Mostra - Baixada Fluminense (Monitoria)

Nathan Silva Carneiro

Pré Mostra - Baixada Fluminense (Monitoria)

Adriana Carvalho Direito

Pré Mostra - Região Serrana (Monitoria)

Jacqueline Cardoso de Oliveira

Pré Mostra - Região Serrana (Monitoria)

Rayssa Cavalcante Ventura Lima

Pré Mostra - Região Serrana (Monitoria)

Gabriela Rodrigues da Cruz

Pré Mostra - Região Serrana (Monitoria)

Bruna de Souza Victorino

Pré Mostra - Região Sul (Monitoria)

Gabriela Pereira Sutil de Carvalho

Pré Mostra - Região Sul (Monitoria)

Brenda Karolline dos Santos Cavalcante

Pré Mostra - Região Sul (Monitoria)



REGIÃO SERRANA

Pré-Mostra de Práticas em Psicologia na Região Serrana - 25 de maio de 2024

A Mostra Regional de Práticas em Psicologia é um espaço organizado pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro - CRP-RJ - desde 2007. Em 2024, a Mostra chega em sua 17ª edição, o que demonstra não apenas a força da Psicologia no estado do Rio de Janeiro, mas também a intensa valorização dos espaços coletivos para a nossa profissão. Desde 2007, milhares de psicólogas, psicólogos, estudantes de Psicologia, profissionais de áreas parceiras e demais segmentos da sociedade civil passaram pelo evento e conheceram as práticas que circulam no estado do Rio de Janeiro e no Brasil. Assim, o espaço contribui para a oxigenação da Psicologia como ciência e profissão e para a orientação profissional, função precípua do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro.

Em sua 17ª edição, o evento reafirma os valores democráticos que inspiraram sua criação, convocando toda a categoria, bem como estudantes, a compartilharem suas experiências em nossos espaços. Para isso, mobilizamos conferências, mesas de debate, espaços de apresentação de trabalhos e trocas de experiências. Nosso objetivo é valorizar as práticas que acontecem no estado do Rio de Janeiro, promover intercâmbios de experiências e compartilhar desafios. Em 2024, o tema que organiza nosso evento é “Cabeça pensa onde os pés pisam: os caminhos da Psicologia no Rio de Janeiro”. Sob esse mote, pretendemos discutir os caminhos que, ao longo dos últimos 50 anos, desde a criação do CRP-RJ, construíram a Psicologia em nosso estado.

Para isso, desde março de 2024, realizamos eventos preparatórios em todo o estado do Rio de Janeiro, reunindo centenas de psicólogas(os) e estudantes de Psicologia, que participaram de debates orientativos e apresentaram suas práticas. A realização das Pré-Mostras de forma descentralizada nos ajuda a avançar na consolidação da política de interiorização do CRP-RJ, dialogando com a categoria profissional e com o conjunto da sociedade pelo estado.

O quarto evento, realizado na cidade de Teresópolis, reuniu mais de 180 pessoas de diferentes municípios da Região Serrana. Na ocasião, além de duas mesas de debate, foram apresentados 40 trabalhos sobre práticas de psicólogas(os) e estudantes de Psicologia da região.

No presente e-book, apresentamos os resumos dos trabalhos apresentados, como forma de registrar um pouco das atividades que aconteceram no evento. Ao final, há um conjunto de fotos.

Todo o processo que envolveu a realização do evento foi conduzido pelo CRP-RJ, tendo sido o evento gratuito.

MÃE NÃO É SUBSTANTIVO, É VERBO! EXIGE AÇÃO! A RELAÇÃO MÃE E FILHO USUÁRIO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

VICTORIA ANTONIETA TAPIA GUTIÉRREZ

O presente trabalho tem como tema a relação mãe e filho - homem, usuário de álcool e outras drogas e como objetivo descrever e observar como se constituiu esta relação e quais as possíveis influências para ambos. Relação que em alguns momentos parece ser infantilizada e marcada por intensa proteção e dependência. Sendo importante considerar o papel social imposto às mulheres, que atravessa com potência a relação mãe e filho e de que modo as cobranças socioculturais exigem que a mãe permaneça oferecendo a maternagem, reforçando as relações de dependência emocional e financeira. Considera também as construções culturais sobre o masculino e o feminino, sobre os papéis do que é ser mulher e ser homem, da obrigatoriedade da vivência da maternidade que é planificada social e patriarcalmente, sendo naturalizada através das décadas. A sociedade patriarcal incentiva a competitividade e enfatiza a diferença de papéis. O homem tem que ser forte, mas a mulher deve ser suave, ironicamente, mais forte ainda, pois sua função abrange o cuidado de si visando estar bem para cuidar do outro. A metodologia se deu a partir de levantamento bibliográfico, incluindo temas relacionados ao gênero, ao feminino, à maternidade e ao processo sociocultural do que é ser mãe, sobre homem usuário e a parentalidade, além de entrevistas semiestruturadas, pautadas na abordagem qualitativa, com mães de homens usuários e com homens usuários, que vivem ou que retornaram à casa de suas mães. Entrevistas que possibilitaram a escuta das crenças, hábitos, atitudes e opiniões das mães e filhos ouvidos. Por fim, o presente trabalho apontou para a importância de um olhar e de ações com foco nas questões do feminino, da maternidade e dos filhos homens, construídas socialmente, a fim de intervir mais efetivamente no contexto dos tratamentos oferecidos.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; maternidade; relação mãe e filho; uso de drogas.

Fonte financiadora do trabalho: Monografia apresentada no Instituto de Psiquiatria IPUB-UFRJ como requisito final no curso de especialização em Assistência a Usuários de Álcool e Drogas.

BIBLIOTERAPIA E SAÚDE MENTAL

EMILLY PIMENTEL RIBEIRO
MARINA DOS SANTOS DEL-SECCHI
RAPHAEL FERREIRA DE ÁVILA

A biblioterapia é entendida como uma atividade com vertentes terapêuticas que, por intermédio da leitura, visa facultar uma experiência de saúde no âmbito biopsicossocial. O objetivo principal deste trabalho, portanto, é pensar a biblioterapia como potente ferramenta para a promoção de saúde mental por meio do incentivo de interação entre pessoas e reflexão de senso crítico, abrindo espaço para a subjetividade. O método utilizado foi uma revisão da literatura sobre as mais diversas aplicações da biblioterapia, com ênfase em estudos de caso da aplicação da biblioterapia em instituições públicas. Os resultados sugerem que a abordagem centrada na leitura pode proporcionar bem-estar elevado para os usuários de variadas redes de saúde pública em todo o Brasil. Do ponto de vista individual, tal proposta potencializa a promoção do autoconhecimento, construção do senso crítico e facilitação da comunicação de pensamentos, opiniões e sentimentos. No contexto coletivo, com aplicação em grupos ou famílias, é notável o grande fortalecimento de laços afetivos e sociais e a integração comunitária, além da sensação de conforto e pertencimento adquirida após o contato entre indivíduos que compartilham experiências semelhantes. Também se faz imperioso destacar que as dinâmicas de biblioterapia devem ser aplicadas considerando a subjetividade de cada cidadão em seu contexto territorial, abrangendo também o acesso e disponibilidade dos materiais utilizados, sendo fundamental visar variáveis como a existência e acessibilidade de bibliotecas municipais, índices de analfabetismo na região e adaptações para pessoas com deficiência a fim de assegurar que a biblioterapia cumpra o objetivo de promoção de saúde mental em suas aplicações.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; biblioterapia; saúde mental; literatura.

NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS: TERRITÓRIO DE SABERES TRANSDISCIPLINARES NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLAUDIA FREIRE VAZ
OLLY DE QUEIROZ ROCHA
DANNIELLY CHRISTINA PEREIRA DE OLIVEIRA
FABIANE REGINA QUESADA HALLACK

Este trabalho visa relatar as atividades e experiências resultantes das ações do Núcleo de Direitos Humanos (NDH) do Centro Universitário Serra dos Órgãos, na perspectiva dos monitores do curso de Psicologia. O NDH foi estabelecido pela necessidade de se fomentar um debate amplo e transdisciplinar sobre os direitos fundamentais inscritos na Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948), buscando promover a compreensão desses direitos por parte da comunidade acadêmica com consequente repercussão em suas práticas e éticas profissionais. As atividades dos monitores foram conduzidas por meio de estudos dirigidos em grupo, tanto presenciais quanto virtuais, abordando leituras pertinentes ao tema (histórico dos direitos humanos, colonialidade/eurocentrismo, meritocracia e feminismo); divulgação e participação em palestras proferidas pelos professores e orientadores do NDH para todo o corpo discente, sobre o que são e o porquê falar sobre os Direitos Humanos; palestra sobre racismo ambiental proferida por convidada especialista no tema; ação educativa com produção de *stand* e elaboração de cartilha sobre a saúde da mulher (prevenção/conscientização do câncer de mama) dentro do *campus*; visita técnica ao Instituto Pretos Novos e o percurso do Circuito da Pequena África; elaboração de perguntas para entrevistas aos alunos da Liga de Saúde da população LGBTQIAPN+ da Universidade, posteriormente realizada por *podcast* institucional; e presença na inauguração do acervo Pluralidades da biblioteca da instituição, com títulos que privilegiam temas concernentes à diversidade e igualdade humanas. A partir das ações e das palestras realizadas, podemos compreender o quanto a formação acadêmica do curso de Psicologia, visando o entendimento dos Direitos Humanos de uma forma tangenciada, é fundamental para a real internalização dos princípios constantes no Código de Ética Profissional do Psicólogo, crucial para a prática ética e comprometida com os valores orientadores da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; direitos humanos; formação do psicólogo; código de ética profissional do psicólogo.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação Educacional Serra dos Órgãos.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DA INFÂNCIA VULNERABILIZADA SOCIALMENTE

RENATA TAVARES DA SILVA GUIMARÃES

Este texto pretende apresentar uma parte da pesquisa para doutoramento em Psicologia, que objetiva analisar as formas com que a Psicologia colabora com a produção de teorias e conceitos de infância no Brasil, por meio de pesquisas com crianças em contexto de vulnerabilidades, na atualidade. Especificamente, interessa-nos aqui discutir como a criança brasileira vulnerabilizada socialmente tem sido observada, ouvida e, inventada pela Psicologia. Um contexto vulnerável é composto por muitos e diversos elementos. Alguns desses elementos podem ser mais pregnantes em um determinado momento e caracterizar o contexto como vulnerabilizador. O pesquisar crianças foi e tem sido fundamental para a constituição da Psicologia como ciência e profissão. Mesmo com todo o avanço das leis, *internet*, novas metodologias de pesquisa com crianças, o foco de observação do fenômeno da violência, por exemplo, permanece sendo o indivíduo, neste caso, a criança como indivíduo. Destaca-se aqui o conceito universalizante de criança, como um ser caracterizado por suas fases do desenvolvimento, no âmbito de um mesmo *ethos* cultural, na Europa, nos EUA e no Brasil, por exemplo. Os diferentes olhares de pesquisadores sobre as infâncias no Brasil, nos levam a defender que é premente conhecer o que os profissionais que trabalham no Sistema Garantia de Direitos definem por criança, família, violências, negligência, dentre outros conceitos que determinam suas práticas diárias. Acreditamos que tais conceituações podem ser ferramentas para marcar, julgar e moralizar famílias que vivem em realidades complexas e compostas por negligências e negação de direitos.

PALAVRAS-CHAVE: infâncias; vulnerabilidade; psicologia; pesquisa; direitos.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ESTEREÓTIPOS, VIOLÊNCIA INTERPESSOAL E A SAÚDE MENTAL DE HOMENS E MULHERES

HECTOR BOTELHO CARNEVALLI
MARIA EUGÊNIA NOVAES ROCHA
DANIELLE AUBRICK FERREIRA
RITA DE CÁSSIA BALTER BECK
NATHANY DE OLIVEIRA SILVA LEITE
LUCIANA XAVIER SENRA

Os estereótipos são generalizações concebidas e validadas socioculturalmente acerca de atributos de um indivíduo e grupo ao qual pertencem. Aludem a padrões de conduta e predicados comuns dos membros de uma categoria, os quais se fundamentam em teorias explicativas dessas categorias. Essas teorias envolvem consenso (“mulher loura é burra”; “baiano é preguiçoso”), homogeneidade (“toda loura é burra”), distintividade (“quanto mais ‘cantado’ o baiano fala, mais baiano”; “quanto mais vermelho o batom, mais ‘puta’ é a mulher); e saliência, que se refere à inclusão de um indivíduo no grupo-alvo pela intensidade da característica compartilhada (“todo baiano é preguiço, se fala cantado, preguiçoso”). Essa definição e caracterização dos estereótipos são convergentes com o fenômeno da violência interpessoal, haja vista que os estereótipos negativos relacionados ao gênero, por exemplo, coincidem com as dimensões psicológicas, sexuais e físicas do referido fenômeno por envolver depreciação, humilhação, exposição vexatória do corpo etc., e/ou atributos inerentes ao gênero. As repercussões para a saúde mental são inúmeras, sendo as mais prevalentes o estresse pós-traumático, a depressão clínica ou bipolar, a ansiedade generalizada e os transtornos alimentares. A pesquisa pretende estudar os estereótipos, as diferenças de gênero e a violência interpessoal com as respectivas implicações para a saúde mental de homens e mulheres, jovens e adultos. Trata-se de um estudo transversal, exploratório e descritivo realizado na forma híbrida, com uso de abordagens metodológicas quantitativas e qualitativas na coleta e análise dos dados envolvendo jovens e adultos da população de ambos os sexos entre os 15 e os 59 anos. A pesquisa foi aprovada no comitê de ética em pesquisa sob CAAE 72333323.0.0000.5281. Atualmente encontra-se em estudo piloto com aproximadamente 100 pessoas para análise de viabilidade da coleta de dados e treinamento da equipe de estudantes em iniciação científica. Espera-se levantar indicadores interseccionais socioculturalmente fidedignos para elaborar e guiar a atuação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: estereótipos; violência interpessoal; saúde mental.

Fonte financiadora do trabalho: CNPq; Fundação Dom Cintra.

O QUE É SER HOMEM, E MULHER? RODAS REFLEXIVAS NA ESCOLA PÚBLICA

LUCAS CARIBONI FONTAINE
CLAUDIA DA COSTA GUIMARÃES SANTANA
MIGUEL LIMA MOREIRA

A questão de gênero está implícita nas relações que estabelecemos com outras pessoas desde o nosso nascimento. Esta questão, culturalmente entendida como a distinção instituída entre o que é ser homem e o que é ser mulher, pode legitimar opressões cotidianas de nossa livre expressão. Consoante o gênero esperam-se determinados tipos de comportamento que podem inibir ou incentivar expressões da sexualidade, reprimir ou idealizar emoções, objetificar corpos, facilitar ou dificultar o acesso a espaços, ou exercícios de funções sociais. Historicamente, os homens têm sido os protagonistas da violência de gênero; violentam mulheres, minorias, outros homens e até a si próprios. Tomando como base a perspectiva de gênero e por meio de um enfoque construtivista-narrativista, desenvolvemos neste trabalho reflexões sobre os processos de interação entre as esferas sociais e as construções das subjetividades individuais, no que tange às masculinidades e feminilidades. Nosso objetivo foi contribuir para que as e os jovens participantes desenvolvessem maior autonomia na forma de compreenderem sua posição no mundo como homens e mulheres. Para nós, refletir sobre as relações de gênero, ainda jovem, e promover a autonomia das próprias construções do ser no mundo, amplia as possibilidades de prevenção de violências e discriminações contra si, contra as pessoas e com a sociedade ao longo da vida adulta. O trabalho foi desenvolvido com jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual durante as atividades de Estágio Curricular em Psicologia da UNIFASE, na cidade de Petrópolis-RJ. Foram realizadas 5 rodas de conversas semanais durante 6 semanas. Como resultado, as conversas produziram reflexões entre as e os estudantes que, em algum nível, uns mais e outros menos, perceberam como os valores culturais presentes em seus contextos de vida mais amplos influenciam seus comportamentos, pensamentos e emoções e como isso altera a própria subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; rodas de conversa; masculinidades; feminilidades.

RACISMO ESTRUTURAL: O USO INDEVIDO DO RECONHECIMENTO DE FOTOGRAFIAS NA ESFERA CRIMINAL

MONIA DINIZ
CLAUDIA VAZ
GABRIELLA CLAUSSEN CORRÊA
FERNANDA MOLEDO

O presente trabalho visa analisar e discutir o racismo estrutural presente no Direito, mediante o indevido reconhecimento fotográfico como método lambrosiano de imputação de crime. O Direito tem por símbolo a deusa Têmis que usa uma venda nos olhos e segura nas mãos uma balança. Segundo o Supremo Tribunal Federal, a deusa Têmis “é uma divindade grega por meio da qual a justiça é definida, no sentido moral, como o sentimento de verdade, equidade, humanidade, colocada acima das paixões humanas”. Usa venda nos olhos no sentido de afirmar que faz justiça sem olhar a quem, estabelecendo a isonomia por excelência. Logo, pode-se afirmar que todos são iguais perante a lei. No Direito, selecionamos falar sobre um aspecto dentro do direito penal, mas especificamente o reconhecimento fotográfico como meio de prova, que vem de forma consistente encarcerando pessoas negras. O racismo estrutural no Direito, que se diz tão igual para todos, demonstra sua fragilidade diante do reconhecimento fotográfico indevido. Para esse trabalho, utilizamos como leitura de base o trabalho de conclusão de curso de Anna Beatriz de Medeiros Nogueira com o tema “reconhecimento fotográfico: não admissibilidade como único meio de prova na ação penal e racismo estrutural” no ano de 2022 para a UNIFESO, acrescentando nosso olhar sobre o assunto e trazendo o conceito hodiernamente surgido que é branquitude. Por fim, consideramos que no momento em que conseguirmos atingir o princípio da isonomia, talvez consigamos, de fato, uma sociedade justa onde ninguém mais será preso com base na cor de sua pele.

PALAVRAS-CHAVE: direito; racismo estrutural; reconhecimento fotográfico.

Fonte financiadora do trabalho: UNIFESO.

A PSICOLOGIA NA INTERFACE ENTRE DIREITOS E INFÂNCIA: VISIBILIZANDO O INVISÍVEL

ALESSANDRA DOS SANTOS SILVA
LETÍCIA PEREIRA NASCIMENTO
JACQUELINE CALAZANS VARGAS
LEONARDO GRANDIOSO MANTUANO
PABULO DA SILVA COSTA
RAYANE CRISTINA ANDRADE

O presente trabalho visa refletir sobre a Psicologia na interface entre a garantia de direitos e infância, partindo dos pressupostos de que a atuação da Psicologia dialoga com a defesa dos Direitos Humanos como princípio fundamental. A proposta é compartilhar as inquietudes e complexidades no processo histórico brasileiro da garantia de direitos às crianças e adolescentes, observando os determinantes sociais: classe, raça e gênero, intrínsecos às relações de poder sob a égide de uma percepção questionadora. Para quais populações atreladas à infância e adolescência os direitos historicamente garantidos estão sendo praticados na contemporaneidade? Factualmente, a imagem da criança nem sempre existiu. No Brasil, o conceito de infância sofreu forte influência europeia, considerando a criança um pequeno adulto. Registros históricos coloniais denunciavam as diferenças de tratamento étnicos-raciais entre crianças e adolescentes brancas, indígenas e negras, associadas às configurações de classe social. A reprodução dos contextos históricos de violência e o não reconhecimento da criança como um sujeito de direitos viabilizou legislações para proteção e segurança das crianças e adolescentes. É inegável a evolução do conceito de infância ao longo da história e tais mudanças são perceptíveis no Brasil, porém, insuficientes. Mesmo diante das garantias legais à saúde, educação, cultura, lazer, entre outras, observa-se a persistente violação e não segurança desses direitos que repercutem em efeitos nocivos à juventude e à vida adulta em diversos aspectos. Garantir direitos às crianças e adolescentes proporciona melhorias para o Estado e para a sociedade, promovendo construção igualitária, com menores índices de criminalidade, menos adoecida e com maiores percentuais de desenvolvimento, concomitantemente a invisibilidade insiste em vitimar crianças e adolescentes majoritariamente pretas, pardas e pobres. É imperativo pensar a Psicologia a partir do lugar dessas minorias. Não existem respostas fáceis para problemas complexos, contudo, sair desse lugar questionador não é uma opção.

PALAVRAS-CHAVE: infância; adolescentes; direito; psicologia; invisibilidade.

EVOLUÇÃO DA SÍNDROME DE *BURNOUT*: PERSPECTIVAS ATUAIS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS

GABRIELA RODRIGUES DA CRUZ
LARISSA KARLA DE MELO DA SILVA
LUCIMAR DOS SANTOS REIS

A síndrome de *burnout*, também conhecida como esgotamento profissional, tem sido objeto de interesse na comunidade acadêmica e profissional da Psicologia ao longo das décadas. Atualmente a síndrome foi indicada pela OMS como uma doença decorrente exclusivamente do trabalho e muitos artigos corroboram com tal tese. Portanto, o objetivo do presente estudo é de apresentar a evolução histórica da síndrome de *burnout* desde o diagnóstico inicial, a classificação da doença ocupacional até as perspectivas atuais da patologia e a classificação da doença. O método será de revisão bibliográfica, pesquisando os artigos científicos publicados nas principais bases de dados da Psicologia no Brasil. Será elaborado um quadro com os principais artigos sobre síndrome de *burnout* e as principais evoluções de conceitos, implicações e tratamento indicados para os trabalhadores acometidos pela síndrome. Espera-se que os resultados indiquem um panorama da evolução histórica do conceito, classificação da doença e tratamento, bem como contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de saúde do trabalhador.

PALAVRAS-CHAVE: síndrome de *burnout*, psicologia; saúde mental; trabalhador.

“A BARREIRA DESCEU E EU PERDI O MEU FILHO” – CHOVEU A DOR NOVAMENTE

ISIS LOPES DE BRITO
LUCAS FERREIRA BLOIS
MARIANNA FERREIRA MELLO CIDADE
MONICA LAGE DOS SANTOS
WANIELLY SOUZA MORAES
RAQUEL SOARES DE MELLO HUCK

O Grupo de Estudos em Psicologia, Políticas Públicas e Assistências - GRUPPA vinculado ao curso de Psicologia do UNIFESO foi convocado na manhã de sábado do dia 23 de março de 2024 para oferecer suporte às famílias dos moradores do bairro da Coreia, bairro de Teresópolis, que sofreram perdas materiais e familiares com a queda de uma barreira durante um forte temporal. O plantão, iniciado no Instituto Médico Legal - IML da cidade, contou com psicólogos e estudantes que passaram pelo treinamento de comunicação de notícias difíceis no hospital de ensino Constantino Ottaviano – HCTCO. A comunicação de notícias difíceis é tida como um momento de grande estresse para todos os afetados em uma crise ou tragédia. Recomenda-se a ação de um profissional de saúde capacitado. Desenvolver a comunicação empática, técnica, linguagem e conhecimento dos protocolos. No IML de Teresópolis foi utilizada a sala lilás, ambiente humanizado inaugurado em novembro de 2023 para acolhimento das vítimas de violências que serão submetidas à perícia médica. Foi adotado o protocolo SPIKES (Buckman, 1994), que envolve estratégias que avaliam o estado emocional, a percepção, o tempo e as ações de apoio no pós-trauma. A etapa 1 – S (*setting up the interview*), etapa 2 – P (*perception*), etapa 3 – I (*invitariam*), etapa 4 – K (*knowledge*), etapa 5 – E (*emotions*) e etapa 6 – S (*strategy e summary*). Este método trabalha intensamente a capacidade de comunicação e acolhimento dos agentes de saúde do planejamento inicial até o desfecho possível dentro da realidade dos fatos. Duas famílias passaram pelo acolhimento, recebendo na sala lilás, desde os primeiros cuidados até o momento de despedida final.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; emergência e desastres; comunicação de notícias difíceis; protocolo SPIKES.

Fonte financiadora do trabalho: Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO

PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM TERESÓPOLIS, O SER E O FAZER DO GRUPPA

REGINA CARMELA EMÍLIA DE RESENDE
ISIS LOPES DE BRITO
SIMONE SANTOS OLIVEIRA
WANIELLY SOUZA MORAES
PALOMA CRISTINE MORAES
MAÍRA DE SOUZA GAMARANO

O Grupo de Estudos em Psicologia, Políticas Públicas e Assistências - GRUPPA vinculado ao curso de psicologia do UNIFESO tem o compromisso social de uma formação generalista que busca formar à (ao) psicóloga (o) para as demandas sociais e de cuidado com a saúde. Deste modo, a inserção em múltiplos territórios exige competências ligadas à reflexão e apropriação das questões do “outro pelo outro”, Em 2023, o Gruppa criou uma rede social no Instagram® denominada @gruppa_unifeso, com vistas à divulgação da identidade visual e objetivos do grupo de pesquisa, o que resultou em busca ativa de pessoas que vivenciaram a tragédia de 2011 em Teresópolis. A partir das divulgações em cards instrucionais, o GRUPPA instrui sobre as normativas e ações previstas nas referências técnicas do CFP para alerta e psicoeducação para a população em geral. A publicação de artigos e participação em Congressos Nacionais proporcionaram a ampliação e troca de conhecimento sobre a Psicologia dos Desastres, estudos atuais sobre o tema e discussão sobre o Estado de Emergência Climática, elementos atualizados sobre o conceito de Desnaturalização dos desastres ambientais, indicações sobre a Sociologia dos Desastres, sobre estudos psicossociais e o sentido das catástrofes naturais, assim como sobre as injunções e contradições na gestão de desastres. Apurou-se que a) o sofrimento psicossocial se faz latente nos atingidos, b) a percepção de que ações, atendimentos colaboração e ações psicossociais são ferramentas com campo de execução em desenvolvimento, entendendo que a ação coletiva comunitária, através de redes de apoio, pode ser uma ferramenta para o acolhimento das dores pessoais e geração de soluções coletivas. c) estratégias como a circulação de informações relevantes, geração de conhecimento comunitário e intersetorial são necessidades perenes em todo o processo desde a prevenção à recuperação pessoal, coletiva e material. Os desastres mobilizam discursos em que as causalidades indicadas moldam um quadro de sentido, pois tanto as pessoas quanto as políticas públicas e o acontecimento em si deixam “pistas” sobre o conjunto dos esforços empregados nas soluções, assim como nos modos encontrados na convivência cotidiana das perdas, traumas, dores e lembranças.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia emergência e desastres; tragédia; território.

Fonte financiadora do trabalho: Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO

QUANDO CHOVE E O MEDO VEM. PARA QUEM A PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES?

REGINA CARMELA EMÍLIA DE RESENDE

ISIS LOPES DE BRITO

SIMONE SANTOS OLIVEIRA

WANIELLY SOUZA MORAES

PALOMA CRISTINE MORAES

MAÍRA DE SOUZA GAMARANO

Nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011, a Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, foi impactada por um desastre natural e ambiental que seria o maior desastre da história até o momento em virtude de fortes chuvas em um mesmo local. As chuvas atingiram sete municípios da Região Serrana do estado, matou 918 pessoas, deixou 30 mil desalojados e, segundo o Ministério Público Estadual, ao menos, 99 vítimas seguem desaparecidas até hoje. Doze anos depois, os impactos do desastre na Região Serrana ainda são percebidos, especialmente ao chegarem as chuvas de verão. A migração compulsória de muitos moradores dos bairros do Caleme, Campo Grande e Barra do Imbuí reconfigurou a geografia e as relações afetivas com o território. Um novo bairro foi criado para o acolhimento dos moradores das regiões, até hoje inabitáveis. Em 2023, o Grupo de Estudos em Psicologia, Políticas Públicas e Assistências - GRUPPA - elaborou entrevistas individuais por meio de questionários com a recolha de dados de pessoas que tinham até 18 anos em 2011. As lembranças mais fortes daquela noite são: a intensidade da chuva, o apagão, o cheiro forte de terra no ar, o último suspiro de um irmão falecido, as pessoas pedindo socorro e desaparecendo água abaixo, a água entrando nas casas, os atendimentos no Ginásio do Pedrão, o despreparo das equipes diante de um desastre desta dimensão, as notícias que circulavam, a confusão e o medo generalizados. Perguntados sobre os desdobramentos ou dificuldades pessoais após o episódio de 2011, os principais temas discutidos foram os bloqueios pessoais e a dificuldade de retornar à rotina, sensação de impotência, sentimento de angústia sempre que começa a chover, tristeza sem fim desde o ocorrido, ansiedade, preocupação e uma constante insegurança. Sobre a percepção de algum desdobramento ou dificuldade no desempenho escolar após a tragédia, quatro pessoas confirmaram a percepção de dificuldade escolar após o desastre. Do total de 13 respondentes dos formulários, apenas quatro procuraram e tiveram ajuda especializada.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; emergência e desastres; tragédia; território.

Fonte financiadora do trabalho: Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO.

PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES EM TERESÓPOLIS, O SER E O FAZER DO GRUPPA

REGINA CARMELA EMÍLIA DE RESENDE
ISIS LOPES DE BRITO
SIMONE SANTOS OLIVEIRA
WANIELLY SOUZA MORAES
PALOMA CRISTINE MORAES
MAÍRA DE SOUZA GAMARANO

O Grupo de Estudos em Psicologia, Políticas Públicas e Assistências – GRUPPA - iniciou suas atividades em 2022, a partir das primeiras reflexões sobre o papel do psicólogo nos territórios, decorridas, no primeiro semestre de 2021, na disciplina Integração Ensino, Trabalho e Cidadania – IETC I aplicada à Psicologia. Logo após a pandemia de covid 19 deu-se um crescente colapso da saúde mental e física em Teresópolis, motivando professores e alunos do curso de Psicologia a constituírem um planejamento e ações para conhecerem e intervir na cidade. O GRUPPA é composto por pesquisadores e discentes do UNIFESO na busca por se fazer presente como referência permanente de diálogo entre a Psicologia, territórios e subjetividades. A Psicologia da Emergência e Desastres foi a primeira inserção do grupo de pesquisa na cidade de Teresópolis, desenvolvendo na busca ativa, nos encontros entre pesquisadores, ambientalistas e munícipes, a conscientização sobre os acidentes socioambientais e sua repercussão ao longo prazo na vida. Diante dos múltiplos desafios colocados para as instituições municipais, estaduais e federais, no decorrer dos últimos 12 anos, para mitigar as consequências materiais e subjetivas pós-desastre socioambiental, O GRUPPA propôs investigar os impactos emocionais sofridos por moradores da cidade de Teresópolis que em janeiro de 2011 que vivenciaram a tragédia e que eram, à época, crianças e adolescentes de 7 a 18 anos e atualmente são jovens e adultos com idades entre 18 e 30 anos. A pesquisa de caráter exploratório utilizou o método cartográfico (Kastrup, 2019) e a escuta ativa em rodas de conversa, além da ampla revisão bibliográfica para a sistematização dos conceitos e publicações do Conselho Federal de Psicologia para a Psicologia das Emergências e Desastres. Compuseram também as ferramentas metodológicas na modalidade de investigação por roda de conversa e entrevistas individuais por meio de questionários. Buscou-se, nesse processo, colaborar para a sistematização e compreensão de concepções do sujeito em suas reverberações do trauma na sua constituição subjetiva. Todos os entrevistados tiveram seus bairros diretamente atingidos. Os sentimentos mais fortes que emergem ao lembrar-se desse dia são tristeza e angústia.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; emergência e desastres; tragédia; território.

Fonte financiadora do trabalho: Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO.

A PERCEPÇÃO DE RISCO NO FORTALECIMENTO DA REDE SOCIAL DE SUPORTE: ESTRATÉGIAS COM LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS E ARTICULAÇÃO NA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS E DESASTRES

ARIEL DENISE PONTES AFONSO

ORIENTADOR: RICARDO LOPES CORREIA

O município de Petrópolis, localizado no estado do Rio de Janeiro, possui marcas trágicas. Com um dos maiores índices pluviométricos do país e com inúmeras localidades classificadas com alto risco e risco muito alto, a região é acometida recorrentemente pelas consequências de eventos extremos. Apesar da avaliação de risco em aspectos geológicos, é de suma importância avaliar a percepção de risco em caráter social e individual e como podem ser articuladas na construção de uma gestão integral de riscos e desastres de forma eficaz e integrada com a rede social de suporte local. O objetivo deste trabalho é promover ações para fomentar a sensibilização, conscientização e participação das lideranças comunitárias por meio de redes sociais de suporte e estratégias sobre percepção de risco e tomadas de decisão para articulação com a gestão integral de riscos e desastres do município de Petrópolis. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa e participante, com a realização de atividades educativas e uso de entrevistas avaliativas. A análise de dados será feita em duas etapas: I - descritiva, advinda de gravação audiovisual e dados das avaliações do processo de ensino-aprendizagem nas oficinas, dados quali-quantitativos que serão organizados e descritos; e II - análise de conteúdo com procedimentos técnicos da abordagem, além da utilização do *software* Iramuteq, que consiste num programa de organização e sistematização de dados, criando grupos que possibilitam a análise mais coesa e aprofundada. Com o desenvolvimento do estudo, espera-se compreender a existência de um diálogo e aproximação entre os gestores públicos e a comunidade a fim de buscar sensibilizar e protagonizar as percepções de riscos e tomadas de decisões em seu território. Além de identificar o quão as redes sociais de suportes podem ser construídas diante do encontro coletivo e sustentadas pelas atividades humanas comuns, e não isoladas, sendo reconhecidas socialmente pelo estado de ser participativo diante de uma gestão integral de riscos e desastres socioambientais.

PALAVRAS-CHAVE: psicossociologia; percepção de risco; rede social de suporte; líderes comunitários; desastres.

A IMPORTÂNCIA DA SALA DE ESPERA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

PROFESSORA JAINA BASTOS
BERNARDO ROCHA
ISABELA SATHLER
JÚLIA LUZ
MANUELA DURINGER
MARIANITA OZORIO

A sala de espera é um espaço dinâmico no qual pacientes aguardam atendimento médico e é promovida a interação e troca de experiências. Ela possibilita uma construção coletiva de saberes, trocas de vivências e o fortalecimento do vínculo entre profissionais e pacientes. Nesse espaço, estudantes e profissionais da saúde podem dialogar, transmitir informações importantes e conscientizar a população de forma abrangente. Este relato de experiência teve como objetivo desenvolver uma estratégia de promoção de saúde na forma de uma atividade realizada na sala de espera de um ambulatório escola, comemorando o Dia das Mulheres, com enfoque no autocuidado. Segundo Dorothea Orem, praticar autocuidado consiste em atividades iniciadas e feitas por indivíduos para benefício próprio, manutenção da vida, da saúde e do bem-estar. Sob a supervisão da professora responsável pelo estágio, os alunos de Psicologia conduziram uma conversa interativa com os presentes, na qual as participantes foram questionadas sobre suas concepções e práticas de autocuidado, estimulando reflexões sobre a importância desse tema para a saúde e o bem-estar. Observou-se que muitas mulheres presentes expressaram dificuldades em encontrar tempo para se dedicar ao autocuidado. O compartilhamento de experiências permitiu uma ampliação do entendimento sobre o autocuidado, destacando sua relevância não apenas para a saúde física, mas também para o bem-estar psicológico. A atividade também proporcionou um espaço seguro para as mulheres expressarem suas preocupações e receberem orientações sobre práticas de autocuidado adaptadas à sua rotina. A estratégia realizada demonstrou ser uma ferramenta valiosa na promoção da saúde, permitindo a transmissão de informações relevantes e o estímulo à reflexão e adoção de hábitos saudáveis. Aliada ao diálogo, a integração entre teoria e prática contribuiu significativamente para o fortalecimento do autocuidado e da promoção de uma vida saudável.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; autocuidado; promoção de saúde; sala de espera; dia da mulher.

AUTOCUIDADO: REFLEXÕES EM UMA SALA DE ESPERA

CAROLINA MORAES SILVA

KATHERINE SCHMITT

LARISSA BEZERRA MIGUEL

RAIANE VITÓRIA AGUIAR ROCHA

SARAH MATOS COUCEIRO

VITÓRIA CAROLINE GUILHERME CIRILO

O Dia Internacional das Mulheres é um marco na luta política e social, além de ser um dia de reflexão, é um momento de representação da luta das mulheres por mais direitos. Nesse sentido, o Código de Ética Profissional do Psicólogo frisa a importância da promoção e prevenção da saúde, mostrando como os psicólogos atuam em diversos âmbitos. Ao pesquisar acerca do tema, encontra-se a enfermeira Dorothea Orem, com sua teoria do autocuidado. Ademais, no livro “Hermenêutica do sujeito” de Michel Foucault, a noção do cuidado de si é apresentada não somente como cuidado ao corpo físico, mas também à esfera moral, espiritual e intelectual. Dessa forma, o autocuidado para psicologia dialoga com a perspectiva desses autores, e pode ser entendido como uma prática que fortalece a resiliência emocional e a capacidade de lidar com as problemáticas da vida, respeitando os próprios limites e desenvolvendo habilidades de enfrentamento saudáveis, segundo Foucault. Diante disso, ocorreu a sala de espera no ambulatório escola da UNIFASE, com o tema voltado para o Dia Internacional das Mulheres. O enfoque da sala de espera foi o autocuidado, que tinha como questionamento “o que é autocuidado para você?”. A partir dessa pergunta disparadora, ocorreram diálogos sobre a dimensão do cuidado para si presente em pequenas ações cotidianas, como tomar sol, um café, cuidar do cabelo, ir à praia, dentre outras. Portanto, a partir da atividade realizada pode-se perceber como o autocuidado é visto e como é praticado pelas pessoas presentes no local. Assim, foi possível discutir a importância da Psicologia na promoção da saúde e como o autocuidado proporciona uma melhor qualidade de vida para todos os indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: autocuidado; sala de espera; dia internacional das mulheres; qualidade de vida.

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: TÁTICA POSSÍVEL NO COTIDIANO DA CIDADE

THIAGO JOSÉ DE FRANCO DA SILVA
MARIA ELISA ALVES AMORIM
CARLA RODRIGUES FERREIRA

Pretendemos apresentar parte da experiência produzida da prática do acompanhamento terapêutico na rede pública de saúde. Tendo como ponto de partida a leitura de autores que problematizam a constituição da experiência da loucura e sua transformação em doença mental a partir da constituição da psiquiatria como saber médico. Discutiremos o processo histórico de construção do exercício do acompanhamento terapêutico e quais os modos de inserção como dispositivo na modificação da lógica de cuidado hospitalocêntrico para o cuidado e no território como previsto pela Reforma Psiquiátrica. Apresentamos como hipótese que o acompanhante terapêutico, junto ao sujeito acompanhado, percorre o espaço da cidade com a intenção confeccionar, tal qual um tecelão, pontos de referência nas mais diversas ramificações sociais, tais pontos servirão como nós, a fim de produzir uma rede. Tendo em vista que o AT estabelece uma conexão significativa com a comunidade, mediante uma abordagem baseada na escuta ativa, que busca construir laços sólidos, promovendo a autonomia do indivíduo por meio de um cuidado que valorize a liberdade. Tal inserção será demonstrada a partir da confecção de relatos recolhidos dos acompanhantes terapêuticos nas . Das andanças pela cidade. T tais relatos nos permitirão acessar os possíveis modos de experienciar a cidade e analisar as contribuições do acompanhamento terapêutico na formação de profissionais que pretendem atuar na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

PALAVRAS-CHAVE: acompanhamento terapêutico; reforma psiquiátrica; cidade.

PROJETO BEM ME QUER TERÊ

ALINE DAMAZIO
ANNA PONCIANO
CAMILA LOPES
DENISE REZENDE
GABRIELLE PAIM
PERLA FERREIRA

O Bem Me Quer Terê (BMQ) é um programa de referência desde 2014, pioneiro na cidade de Teresópolis-RJ, voltado à escuta e acolhimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Composto por uma equipe multiprofissional capacitada para uma escuta qualificada e respeito às vítimas, vinculada a uma rede integrada de assistência. Possui um ambiente acolhedor, longe de ser um ambiente hostil como uma delegacia policial. Interligado à Vara da Infância e Juventude, garante o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Mediante a Resolução CFP n.º 8/2010 que dispõe sobre a atuação da(o) psicóloga(o) como perita(o) e assistente técnica(o) no Poder Judiciário, compreendemos que a psicologia jurídica desempenha um papel fundamental no contexto social, protetivo e legislativo diante das interações entre a Psicologia e o Poder Judiciário em Teresópolis. O trabalho do profissional de Psicologia nas Varas da Infância e Juventude, conforme o CREPOP (2010), abarca uma variedade de atividades como: acolhimento às crianças e adolescentes institucionalizados, deliberação sobre medidas de proteção, avaliação de medidas educativas mais apropriadas à situação dos jovens, procedimentos relacionados à adoção, elaboração de pareceres técnicos para subsidiar os processos e construção de uma rede capaz de oferecer assistência efetiva. Analisando a participação do acadêmico de Psicologia no âmbito jurídico, observamos o enriquecimento da experiência formativa, frente às demandas e complexidades referentes ao fluxo da violência sexual em Teresópolis-RJ. Neste cenário, são desenvolvidas habilidades para reagir de forma eficaz frente às situações profusas, proporcionando uma experiência interdisciplinar e domínio do campo de cuidados, tão relevantes à garantia da saúde emocional das crianças, adolescentes e suas famílias inseridas no contexto de violência.

PALAVRAS-CHAVE: acolhimento; garantia de direito; crianças; adolescentes; cidadania.

TRABALHO E ESTÁGIO: O DESAFIO DA JORNADA DUPLA DO ESTUDANTE DE PSICOLOGIA

VIVIANE ESPÍRITO SANTO DOS SANTOS
FÁBIO MATTOSO GOMES
JEFFERSON RIBEIRO DE ARAÚJO
JÚLIA SOUZA ALVES
LAILA PEREIRA DO AMARAL
LUCAS COSTA SOUTO
MICHEL DE MEDEIROS COELHO
NELIANE SANTOS DE SOUZA
NEUZA PORTELLA SANT ANNA CORGUINHA
TATIANE DE CARVALHO SILVA
VANDEILSON DA SILVA

O trabalho se baseia em uma questão que surge na supervisão de estágio básico II dos alunos de Psicologia da UNIFESO: a dificuldade de conciliar o campo de estágio social com a realidade de alunos que trabalham durante o dia. Que possibilidades pensar para responder esta questão? A proposta do trabalho é trazer o resultado de uma pesquisa de campo voltada para avaliar a realidade socioeconômica do aluno de Psicologia deste centro universitário desenvolvida em formato de formulário de opinião apresentado a todos os alunos do curso de Psicologia. O objetivo da pesquisa é mapear a realidade do território e pensar em estratégias de ação. Este trabalho visa problematizar a realidade dos alunos que necessitam trabalhar em outras áreas, para sustentar suas famílias ou a si e estudar Psicologia. Como pensar em possibilidades de conciliar a teoria e a prática em Psicologia no turno noturno? A base teórica que fundamenta a pesquisa é o decolonialismo. A colonização/decolonialidade não se refere apenas ao domínio político e econômico do território, mas à imposição de uma mentalidade calcada em valores ditados como norma: elite branca cis. A psicologia decolonial visa criar uma psicologia mais inclusiva e diversa, entendendo o passado elitista e eurocêntrico da Psicologia. Busca-se A intenção é trazer para a discussão se nosso currículo atual ainda se baseia em valores sociais antigos e questionar se este formato impediria que o estudante, de uma realidade socioeconômica na qual trabalhar em horário comercial é a única realidade possível, a cursar Psicologia. A psicologia decolonial reconhece a importância de considerar as experiências históricas, culturais e sociais das pessoas, especialmente daquelas pertencentes a grupos marginalizados e colonizados, na compreensão de sua saúde mental e bem-estar psicológico. A psicologia decolonial valoriza as perspectivas e conhecimentos locais, não ocidentais e busca incorporá-los nas teorias e práticas psicológicas. Esse trabalho visa mostrar a necessidade de os cursos de Psicologia adaptarem-se às diversas realidades socioeconômicas dos alunos, promovendo, de fato, uma psicologia decolonial desde a formação.

PALAVRAS-CHAVE: decolonialidade; estágio; mostra CRP-RJ; práticas da psicologia, psicologia decolonial.

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SOCIAL NA UNIFESO

VIVIANE ESPÍRITO SANTO DOS SANTOS
ADRIANO PEREIRA DA SILVA JUNIOR
ANA CLARA SILVA DA MOTTA
CAROLINE MARQUES DE SOUZA
DANIEL SOARES SARAIVA DE CASTRO MATTOS
DEISE FELICIANO DA SILVA
LEONARDO VICTOR
LETÍCIA MEIER DE MEDEIROS
MARCOS VINÍCIUS GUARRILHA
THIAGO CABRAL RAIMUNDO
TICIANA DUTRA ABREU LIMA

Este trabalho visa trazer a experiência de um grupo de 10 estudantes de Psicologia entre o 4º e o 5º período da UNIFESO em estágio básico II. Entende-se que o estágio social oferece oportunidades para os alunos refletirem sobre questões éticas e morais que surgem na prática psicológica. Com isso, eles aprendem a lidar com dilemas éticos de forma responsável, contribuindo para a formação ética em Psicologia. O objetivo é demonstrar a importância do contato com as atividades práticas desde o início da jornada acadêmica, formando não só para a academia mas também para o exercício da profissão. A instituição oferece o contato com a prática da Psicologia desde a disciplina de Integração Ensino, Trabalho e Cidadania, cadeira exclusiva deste centro universitário. Os autores do trabalho atuam em diversos campos sociais vivenciados em parceria com as Secretarias Municipais. São eles: Sala Lilás, que acolhe mulheres em situação de vulnerabilidade social e violência, instituições de saúde e assistência social: CAPS, CAPSI e CREAS; instituições sociais e sem fins lucrativos, como: Sociedade Espírita Amor e Carinho (SEAC) e Ponto de Luz que são projetos socioculturais que visam o bem-estar biopsicossocial. Todas as situações experienciadas na prática são discutidas em grupo na supervisão, espaço de trocas importantes para a prática dos estudantes. Entende-se que a supervisão permite aos alunos tanto a troca das experiências vividas por eles quanto a ligação da prática com os conceitos éticos de nossa profissão, trazidos pela supervisora, através dos CREPOPS de nosso Conselho e de artigos científicos que tratam dos temas. Os estagiários se sentem instigados às nuances vivenciadas e seus desafios, que contribuem significativamente para o desenvolvimento de suas habilidades e competências. Entre os desafios mais comuns estão a adaptação ao ambiente, lidar com a diversidade de casos e demandas, estabelecer uma relação eficaz, lidar com situações emocionalmente intensas e aprender a conciliar teoria e prática de forma integrada e ética.

PALAVRAS-CHAVE: estágio social; formação em psicologia; mostra CRP-RJ; prática em psicologia; políticas públicas.

HORIZONTE POLÍTICO-SOCIAL NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

CAROLINA ROSA PACHECO FERNANDES
RENATA TAVARES DA SILVA GUIMARÃES

Para esta discussão, realiza-se uma análise dos estudos mais recentes que mostram o escalonamento das queixas de ordem psíquica, acompanhadas do aumento no consumo de psicofármacos. Tendo em vista que essas questões estão diretamente ligadas aos modos de vida impostos pelo capitalismo, para lidar com essas demandas, o horizonte político-social desempenha um papel crucial na formação dos psicólogos, especialmente quando se trata da compreensão do sofrimento psíquico dos pacientes no contexto de subdesenvolvimento econômico, como o Brasil, que ainda tem nas *commodities* sua fonte de renda primária. Sob a ótica marxista e psicanalítica, a análise do sofrimento psíquico transcende a esfera individual, sendo essencial considerar os aspectos sociais, econômicos e políticos que influenciam diretamente a vida das pessoas. Ao integrar uma perspectiva macropolítica à sua formação, o psicólogo se torna mais capaz de identificar e desafiar as estruturas de poder que perpetuam o sofrimento psíquico. Isso envolve uma compreensão crítica das desigualdades sociais, injustiças econômicas e opressões culturais que moldam as experiências individuais. A psicanálise fornece uma lente útil para essa análise ao destacar a importância dos signos e seus significantes na construção da subjetividade. Além disso, uma compreensão crítica do modo de vida capitalista permite aos psicólogos questionarem as narrativas dominantes sobre saúde mental e buscarem abordagens mais emancipatórias e transformadoras. Isso envolve não apenas oferecer suporte individual aos pacientes, mas também promover mudanças estruturais que abordem as causas subjacentes do sofrimento psíquico. A utilização da teoria econômica marxista, assim como a perspectiva da psicanálise, serão as bases teóricas para a compreensão e resposta do problema apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: capitalismo; psicanálise; sofrimento psíquico; formação.

REFLEXÕES DE ATUAÇÃO NO CAMPO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA SOCIAL UNIFESO

DANIEL SOARES SARAIVA DE CASTRO MATTOS

A partir do estágio básico II em Psicologia Social do curso de Psicologia UNIFESO-Teresópolis, apreende-se a relevância da experiência em campo para relacionar a teoria à prática, considerando o contexto dos desafios enfrentados no Brasil, apresentados na política, econômica, cultura, religião, no social, dentre diversos outros. A Psicologia Social aborda as dimensões subjetivas dos fenômenos coletivos, saindo do *setting* terapêutico tradicional e voltando-se para relações e representações sociais. Isso é crucial para entender o acesso à saúde, que vai além de questões biológicas, envolve cultura, educação, moradia, lazer e renda como alguns dos fatores dos determinantes sociais da saúde. A discussão inclui a importância das políticas públicas de saúde, promulgadas pelo SUS, a necessidade de humanização no cuidado e a atenção em rede. A psicologia social comunitária emerge então como uma ferramenta para enfrentar desigualdades e exclusões, mapeando as necessidades das comunidades e promovendo a autonomia e autogestão. Destaca-se, assim, a importância da formação de profissionais sensíveis, críticos e éticos, comprometidos com direitos humanos, justiça social e equidade. Além disso, traz-se para reflexão as diferentes formas de tentativas de dominação e silenciamento presentes na sociedade. As rodas culturais promovidas pelo Coletivo Ponto de Luz são citadas como uma referência de resistência e ocupação de espaços públicos, promovendo a cultura das favelas e reafirmando o poder e capacidade das comunidades, tecendo vínculos, cuidado, assistência e promoção de saúde. Assim, o respeito mútuo, a escuta ativa e o compromisso ético e político na construção de práticas psicológicas inclusivas, críticas e humanizadas podem ser captados como os pilares necessários tanto para a atuação dos estagiários quanto dos profissionais psicólogos.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia social comunitária; mostra do CRP RJ; estágio social; direitos humanos; políticas públicas.

PAUTANDO O RACISMO ESTRUTURAL NA PRÁTICA DE MONITORIA EM PSICOLOGIA

CLÁUDIA FREIRE VAZ
ANA CAROLINA DA SILVA DUARTE
LETÍCIA PEREIRA NASCIMENTO

O presente trabalho busca refletir sobre as experiências ao abordar o tema do racismo estrutural no âmbito da monitoria da disciplina de Desafios Contemporâneos em Psicologia. Seguindo o entendimento de Silvio Almeida, o racismo estrutural, como construção histórica, permeia as subjetividades, a realidade social, o contexto político-econômico e as práticas institucionais, sendo estas diversas expressões materiais do racismo como fenômeno, são fundamentais para compreender a ordem social do país. Portanto, é necessário pensar em adotar práticas que atuem sobre essa realidade e promovam o combate ao racismo. No contexto da Psicologia, o antirracismo é balizado pela Resolução 018-2002, além do Código de Ética, dado o princípio fundamental que orienta o trabalho à contribuição para eliminação de formas de discriminação e opressão, além da responsabilidade social, construída a partir da análise crítica da sociedade. Pensando nesse contexto, a disciplina de Desafios Contemporâneos é uma oportunidade de exercitar o olhar do futuro profissional para questões que constroem a dinâmica das relações sociais e das subjetividades. Para isso, foi proposta à turma a elaboração de um artigo que refletisse sobre como diferentes cursos de formação acadêmica pensam e se relacionam com o racismo estrutural: além disso, foi organizada uma mostra para apresentar os resultados das reflexões desenvolvidas. O trabalho das monitoras foi acompanhar e orientar os alunos na construção desse projeto, além de elaborar um plano de ensino, junto à docente, que enfatizasse a relevância de pensar criticamente sobre questões do dia a dia que desvelam formas de racismo, baseando-se, principalmente, em raciocínios críticos apresentados por charges. As produções finais refletiram diversos aspectos do racismo em áreas profissionais diversas, da insegurança alimentar ao racismo algorítmico, ao perfilamento racial na Justiça, cujos temas foram abertos ao debate, concretizando assim uma prática educativa antirracista que contribui para a formação do senso crítico da comunidade acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; educação; racismo estrutural; direitos humanos.

Fonte financiadora do trabalho: Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO, Teresópolis–RJ.

OBSERVAÇÃO COMO PRÁTICA DE ESTÁGIO BÁSICO: DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA PAULA DA SILVA MAGALHÃES
RENATA TAVARES DA SILVA GUIMARÃES

O presente texto pretende refletir e analisar práticas de observação, relativas ao campo psicossocial, que compõem o estágio básico II, da graduação em Psicologia da UNIFESO. A observação é um conceito que precisa ser compreendido para além de uma postura passiva, pois é necessário para a produção de experiências e compreensão da lógica territorial dos equipamentos da saúde, assistência e ONGs que prestam atendimento psicossocial em Teresópolis e Guapimirim. “Onde os pés pisam, a cabeça pensa”, tal premissa, em confluência com a prática no estágio, nos permite refletir sobre os processos de vivência, experiência e maturidade à luz da fenomenologia. Estar em campo ou vivenciar relatos que trazem a lógica territorial para uma supervisão, possibilita aos estudantes do estágio básico II produzirem reflexões importantes para seus processos formativos. Segundo a fenomenologia de Husserl (1986), a reflexão sobre a vivência (campo ou supervisão) produz a experiência, que, em última instância, possibilita a maturidade. Ir ao campo evoca uma percepção e ao relatar vivências em supervisão, refletimos e vivenciamos coletivamente, o que possibilita ampliação da consciência. Os temas trazidos pelas observações vividas no campo psicossocial oportunizam reflexões sobre territórios compostos por situações vulnerabilizadoras como violência contra as mulheres, famílias que buscam benefícios, questões sociais que envolvem a saúde mental de adultos, crianças, população LGBTQIA+, dentre outros. Tais vivências e relatos geram angústias e questionamentos sobre o fazer psicológico, suas possibilidades e limites diante de uma realidade “dura, nua e crua” que o campo em estágio possibilita o contato. Neste contexto de observações dos fenômenos, nos mais variados campos da psicologia social, os estagiários, a partir das reflexões sobre os atos perceptivos e com intencionalidade, geram novas e importantes informações aos seus constructos pessoais e profissionais, possibilitando também o pensar sobre estratégias eficientes, posturas e atitudes colaborativas para suas atuações futuras.

PALAVRAS - CHAVE: observação; estágio; psicossocial; experiência; formação.

MEMÓRIA DO CORPO: EXPRESSÃO DO INCONSCIENTE ATRAVÉS DA DANÇA

CAROLINA ROSA PACHECO FERNANDES

VANDEILSON DA SILVA

JEFFERSON RIBEIRO DE ARAUJO

NELIANE SANTOS DE SOUZA

O sujeito da modernidade, tecnologicamente dependente e cada vez mais deprimido e ansioso, deriva de seres cujo auge da técnica consistiam em *performances* corporais que, segundo esses povos, tinham o poder de se conectar com os espíritos na natureza. Em muitas culturas, a dança era parte integrante de rituais de cura e celebrações da vida. Essas danças refletiam a conexão íntima que as pessoas sentiam com o mundo natural ao seu redor. Os movimentos imitavam animais, plantas e elementos naturais e através deles os dançarinos buscavam se unir com o cosmos e os mistérios da existência. Na contemporaneidade, a dança é majoritariamente compreendida como arte, contudo, na psicologia clínica, a memória do corpo passa a ser uma ideia intrínseca, especialmente quando vista pela lente da expressão do inconsciente; reconhecendo que o corpo humano é um reservatório de memórias, experiências e emoções, das quais podem estar além do alcance da consciência. A dança é uma forma de arte que permite que essas memórias se manifestem, de maneira espontânea e não verbal. Na prática clínica, a terapia através da dança e do movimento tem sido utilizada para explorar e processar questões emocionais profundas. Os movimentos corporais durante a dança não são apenas gestos físicos, mas também expressões simbólicas e de autoconhecimento. Por meio da dança, os indivíduos podem acessar camadas mais profundas de sua psique, revelando traumas, conflitos internos e padrões comportamentais subjacentes. Além disso, a dança pode facilitar a integração mente-corpo, promovendo a consciência corporal e emocional. À medida que os indivíduos se movem, respiram e expressam suas emoções através do corpo, eles podem experimentar uma sensação de liberação e catarse emocional.

PALAVRAS-CHAVE: memória; psicologia clínica; movimento.

ATRAVESSAMENTOS VIVENCIADOS NO CAMPO PRÁTICO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ANA CAROLINA CHAVES CABRAL
JOÃO ROBERTO PACHECO RAMOS
SEDRIC PINHEIRO DE ANDRADE SILVA

Este trabalho busca relacionar os conceitos básicos da psicologia social e suas aplicações práticas a partir da atuação de estudantes do 5º período de Psicologia (UNIFESO) durante o estágio presencial em Psicologia Social na Sociedade Espírita Amor e Caridade (SEAC). A instituição está localizada na cidade de Teresópolis e além de cumprir com seu caráter religioso, oferece diversos tipos de serviços para todas as idades: reforço educacional, refeições, atendimentos médicos e odontológicos, oficinas de música, costura e informática. É perceptível que o SEAC é um local que fortalece o poder dos grupos, promovendo o desenvolvimento das potências subjetivas dos sujeitos, podendo impactar a mudança de vida desses sujeitos. A preocupação inicial foi manter a Psicologia laica, mesmo em um ambiente religioso, mas com os estagiários zelando pela ética desde o princípio e ressaltando isso para os membros da comunidade quando necessário, não houve dificuldades neste aspecto. Durante a experiência do estágio, houve relatos acerca da falta de crença na possibilidade de proporcionar a melhora de suas próprias condições de vida. Assim, refletindo o conceito de fatalismo, um sistema de ideologias internalizado a partir das experiências cotidianas com o mundo social, de maneira que o indivíduo aprende qual o seu lugar social e que seus esforços provavelmente não produzirão transformações efetivas na sociedade (MARTÍN-BARÓ, 1998). Com o intuito de acolher e escutar os sujeitos da comunidade, foram realizadas rodas de conversas semanalmente com temas relacionados às dificuldades nas relações familiares, problemas com drogas, dificuldades financeiras, insegurança, baixa autoestima, solidão, dentre outros escolhidos pelo grupo. Ao final dos três meses de estágio foi percebida uma evolução considerável na fala das participantes que eram inicialmente autodepreciativas e ao final, discursos de valorização pessoal. Diante disso, acredita-se que foi possível colaborar com o objetivo da Psicologia Social de transformar os indivíduos em sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia social; comunitária; fatalismo; vulnerabilidade

CONSCIENTIZAÇÃO DE PACIENTES SOBRE A DIFERENÇA ENTRE PSICÓLOGOS E TERAPEUTAS

LEONARDO VICTOR A F DE ANDRADE

Este trabalho visa trazer mais transparência na diferenciação entre os serviços psicológicos e demais serviços terapêuticos. O objetivo é trazer maior segurança para o usuário de serviços psicológicos visto que as ofertas, principalmente em redes sociais, trazem uma abordagem de *marketing* onde o serviço especializado de psicoterapia se confunde com o serviço de terapia, trazendo um risco para os pacientes de serviços psicológicos, pois os terapeutas não estão amparados por nosso Conselho de Psicologia, muito menos pelo Código de Ética, a grande demanda de oferta acaba não sendo acompanhada por nossos meios de fiscalização. Com uma abordagem mais clara e objetiva, na qual os usuários dos serviços psicológicos entendem essa diferenciação, inibe o incorreto exercício da função, trazendo além de segurança ao usuário, também uma melhor valorização do serviço psicológico, agregando valor ao seu trabalho. Será feita uma amostra via formulário digital para analisarmos o conhecimento dos usuários e não usuários de serviços psicológicos em relação à diferenciação de serviços psicoterapêuticos e serviços de terapia. Acreditamos que esta iniciativa não apenas fortalecerá a confiança do público, mas também incentivará uma prática mais ética e responsável, contribuindo mais efetivamente para o bem-estar e a saúde mental pública.

PALAVRAS - CHAVE: psicoterapia; terapia; conscientização; segurança; ética.

VULNERABILIDADE, INTERSECCIONALIDADE E MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

CAROLINA AGUIAR DE OLIVEIRA

O cenário nacional da integridade física e psíquica da mulher é preocupante. Segundo dados divulgados em 2023 no *Mapa Nacional da Violência de Gênero*, a percepção das mulheres cariocas sobre o quanto elas acham o Brasil um país muito machista é da ordem de 73% das entrevistadas e 80% delas acham que a violência doméstica aumentou nos doze meses anteriores. O crescente número de casos registrados demonstra que as mulheres, ainda hoje, são ameaçadas por um inimigo etéreo que se materializa pela estrutura patriarcal e pelo machismo que persistem em nossa sociedade. A tessitura histórica do papel de gênero feminino é de subjugação ao homem, de exílio ao lar e à maternidade, que, muito embora tenha sido amenizado em virtude dos intensos movimentos feministas, esse modelo tenta subsistir. É nesse sentido que nos inclinamos conceitualmente sobre a vulnerabilidade e sua utilidade para pensar e repensar as políticas públicas endereçadas a essa questão. Compreendemos vulnerabilidade como um processo dinâmico fortemente influenciado por contextos históricos e as histórias de vida. Essa composição nos dá espaço para ponderar sobre a interseccionalidade. A sobreposição de questões como o racismo, a diferença de classes sociais e o machismo tem tornado a violência doméstica mais prevalente na vida de mulheres pretas e periféricas. A intersecção destes determinantes sociais agravam as condições de vulnerabilidade em que vivem tais mulheres, sujeitas ao acometimento de violência doméstica. Tal situação demanda olhares e políticas públicas que compreendam tal gravidade e atuem diretamente na eliminação destes determinantes, visando reduzir os riscos de vida desta parcela da população.

PALAVRAS-CHAVE: vulnerabilidade; interseccionalidade; mulheres; violência doméstica; políticas públicas.

FERIDAS INVISÍVEIS, CUIDADOS NECESSÁRIOS: O ABANDONO PARENTAL

LARISSA KARLA DE MELO DA SILVA

O abandono parental é uma situação em que um dos pais, ou ambos os pais, deixam de assumir suas responsabilidades em relação aos filhos, seja emocional, financeira ou fisicamente. Esse fenômeno pode ocorrer por diversas razões, como divórcio, separação, problemas financeiros, vícios, questões mentais ou simplesmente desinteresse. A família é um conceito multifacetado, envolvendo relações afetivas de laços sanguíneos e dinâmicas sociais. Tradicionalmente, a família é considerada a unidade básica da sociedade, proporcionando apoio emocional, segurança e identidade. No entanto, sua estrutura e definição tem evoluído ao longo do tempo, abrangendo uma gama diversificada de arranjos familiares, incluindo famílias monoparentais, reconstituídas e adotivas. O abandono parental pode ter impactos profundos e duradouros nas crianças e adolescentes, afetando seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. A ausência de um ou ambos os pais pode causar sentimentos de rejeição, baixa autoestima, ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento. Além disso, pode aumentar o risco de comportamentos destrutivos como abuso de substâncias. Esses efeitos podem se estender até a vida adulta, influenciando as relações interpessoais, a estabilidade emocional e até o sucesso profissional. As crianças abandonadas muitas vezes enfrentam desafios adicionais na construção de identidades, senso de pertencimento, procurando preencher o vazio deixado pela ausência dos pais. Para mitigar os impactos do abandono parental é importante oferecer apoio emocional, orientação e recursos para as crianças e suas famílias. Intervenções precoces, como aconselhamento familiar e terapia infantil, podem ajudar a promover o bem-estar das crianças afetadas. Ainda cabe destacar a importância da criação de políticas públicas voltadas para a proteção dos direitos das crianças e o fortalecimento das redes de apoio comunitário, que podem ser fundamentais para enfrentar esse desafio social e complexo.

PALAVRAS-CHAVE: abandono parental; desenvolvimento infantil; família; políticas públicas; psicologia.

INTERAÇÃO HOMEM-ANIMAL: A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

LARISSA KARLA DE MELO DA SILVA

A terapia assistida por animais (TAA) é uma abordagem terapêutica que utiliza a interação entre homem-animal para promover melhorias emocionais, físicas e sociais. Na TAA, animais treinados, como cães, gatos e cavalos, são incorporados em sessões de terapêuticas sob a supervisão de profissionais de saúde qualificados. Essa prática tem uma estreita relação com a Psicologia, pois se baseia em princípios psicológicos fundamentais, como a ligação entre o comportamento humano e o ambiente, a importância do vínculo emocional e a influência dos estímulos positivos na saúde mental. A presença de animais em sessões terapêuticas pode reduzir a ansiedade e aumentar a autoestima, promover a expressão emocional e melhorar habilidades emocionais. A importância da TAA na Psicologia é evidente, especialmente em contextos em que outras formas de terapia podem ser limitadas. Ela oferece uma abordagem única e eficaz para uma variedade de condições, incluindo transtornos do neurodesenvolvimento, como transtorno do espectro autista e o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. A interação com os animais pode ajudar a melhorar a comunicação, a regulação emocional, o foco e as habilidades motoras em indivíduos com esse transtorno. A TAA também pode ser aplicada em uma variedade de configurações, incluindo hospitais, clínicas, escolas e instituições de reabilitação. Sua versatilidade a torna uma opção viável para pessoas de todas as idades e com uma variedade de necessidades terapêuticas. Em síntese, a terapia assistida por animais se destaca como uma intervenção valiosa na Psicologia Moderna, oferecendo uma abordagem terapêutica singular e eficaz para promover a saúde emocional e social.

PALAVRAS-CHAVE: terapia assistida por animais; saúde mental, interação homem-animal; psicologia.

SALA LILÁS EM TERESÓPOLIS: AVANÇO NO COMBATE DA VIOLÊNCIA CONTRA À MULHER

CAMILLE PIERRE LIPPI
LARISSA PEREIRA DE MORAES
ANA PAULA DA SILVA MAGALHÃES

O presente resumo visa destacar experiências adquiridas durante o estágio realizado na Sala Lilás de Teresópolis-RJ, referente à disciplina de Estágio Básico II em Psicologia Social, do curso de Psicologia do Centro Universitário Serra dos Órgãos -UNIFESO-. A Sala Lilás insere-se no Instituto Médico Legal (IML), que responde à Secretaria Municipal de Direito à Mulher e objetiva garantir acolhimento para o exame de corpo delito em mulheres vítimas de violência. Vivenciou-se a relevância do equipamento para garantir uma perspectiva acolhedora às mulheres, ainda que em um atendimento pontual. Observou-se que a psicóloga da Sala Lilás realiza, para além do acolhimento, um trabalho de educação para parte dessas mulheres, atuando sob a perspectiva de clínica ampliada: explica os tipos de violência além da física; conscientiza sobre o ciclo da violência e utiliza o formulário de avaliação de riscos - FRIDA - para mensurá-los. Desse modo, destaca-se o trabalho da Psicologia Social no âmbito do enfrentamento da violência contra a mulher, que advém do machismo estrutural. Nesse sentido, é crucial priorizar a formação de profissionais engajados ética e politicamente nas dinâmicas das políticas sociais, capazes de considerar questões da estrutura social. Observou-se desconhecimento pela comunidade acerca do dispositivo (proveniente da recenticidade de inauguração) e demais equipamentos da Secretaria de Direito à Mulher, evidenciando esta urgência. É estratégico que a Secretaria amplie a divulgação dos seus serviços, propondo rodas de conversa, debates, palestras em ambiente de saúde, segurança e acadêmico, uso de mídias sociais e televisão. Salienta-se que, à medida que a relevância deste trabalho seja reconhecida, estimule a divulgação do local e a possibilidade de investimentos para implementação desse serviço em outras regiões, considerando a importância das pautas previamente expostas.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia social; sala lilás; violência contra mulher.

AUTOLESÃO INFANTOJUVENIL: GRUPO OPERATIVO COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE NAS ESCOLAS

VANESSA JABOUR MOREIRA RODRIGUES

Segundo informações obtidas pelo DATASUS via Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 2019 e 2022, foram notificadas 8.065 ocorrências de autolesão com faixa etária de 10 a 19 anos. Considerada um tema tabu pela sociedade e muitas vezes percebida por alguns como forma de chamar a atenção, a autoagressão é uma questão emocional que envolve ações deliberadas a fim de prejudicar a si, sem intenção suicida. À medida que a desordem emocional se torna mais avassaladora para os adolescentes, a automutilação se torna um mecanismo de enfrentamento comum para aliviar a dor. Essa tendência destaca uma preocupação crítica de saúde mental que requer atenção imediata. Casos de automutilação em adolescentes não devem ser menosprezados e requerem tratamento imediato. Não é uma questão trivial nem um problema que se resolverá sozinho. O comportamento autolesivo deve ser lido de forma interdisciplinar e a Psicologia se apresenta como uma ciência que pode auxiliar em seu entendimento, assim como na atuação no contexto da prevenção e promoção de saúde. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a psicoterapia de grupo desenvolvida por Enrique Pichon-Rivière como possibilidade prática de manejo relacionado à promoção de saúde nas escolas no que se refere ao comportamento autolesivo infantojuvenil. Ao final do estudo teórico, pôde-se verificar que a psicoterapia de grupo desenvolvida por Pichon-Rivière se apresenta como uma possível prática de promoção e prevenção à autolesão infantojuvenil, pois permite um contexto seguro em que crianças e adolescentes podem superar possíveis obstáculos encontrados na comunicação, se expressar e aprender novas formas de lidar com seu sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: autolesão infantojuvenil; escola; grupos operativos; promoção de saúde.

DESENVOLVIMENTO INFANTOJUVENIL: REFLEXÕES SOBRE ATUAÇÃO DO PROJETO SOCIAL FLORESCEM

LEONARDO GRANDIOSO MANTUANO
JACQUELINE CALAZANS VARGAS
PÁBULO DA SILVA COSTA
ALESSANDRA DOS SANTOS SILVA
LETICIA PEREIRA NASCIMENTO

Este trabalho visa refletir a experiência da atividade de imersão na disciplina Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. O objetivo é articular teoria e prática de um projeto social infantojuvenil em Teresópolis-RJ. O projeto Florescer está fundamentado na evangelização, prestando assistência às crianças em situação de vulnerabilidade social com a colaboração de voluntários na oferta de reforço escolar, aulas de dança, informática e ajuda psicológica. O cenário social, cultural e familiar é altamente relevante ao desenvolvimento infantil e representa um desafio gigantesco para projetos sociais como o Florescer, que atuam na lacuna entre a garantia de direitos que não são assegurados a todos, deixando às margens os pobres, pretos, pardos e mulheres, além de um poder público omissivo na implementação de políticas públicas que contemplem os vulneráveis e as minorias. A Constituição Federal instituiu a família, a sociedade e o Estado como responsáveis por garantir prioritariamente “à criança, ao adolescente e ao jovem, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à formação profissional, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade” e ao convívio familiar e comunitário, bem como protegê-los de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. A Psicologia reforça uma visão analítica da realidade ao afirmar que nossa atuação é baseada em responsabilidades sociais, análise crítica e histórica do contexto político, econômico, social e cultural. Portanto, não podemos nos abster de tais posicionamentos. Os teóricos Piaget, Wallon e Vygotsky, trouxeram contribuições importantes ao estudo do desenvolvimento humano com foco, respectivamente, no cognitivo, afetivo e na linguagem. A articulação teórica desses aspectos pôde ser observada nas múltiplas atividades, relações e propósito do projeto Florescer, desde o acolhimento às crianças e suas famílias, a construção de conhecimentos concretos e subjetivos até a proteção do desenvolvimento psicológico, físico, moral e social dessa população.

Eixos temáticos: Políticas Públicas e Garantias de Direitos; Práticas na formação em Psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento; infantojuvenil; direitos; projeto social; psicologia.

INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

NATAN GASTARDELLI KLEIS
HECTOR BOTELHO CARNEVALLI
INGRID BORTOLOTTI GOMES
HUGO ROCHA DE OLIVEIRA
CRISTIANE MOREIRA DA SILVA

Permeada por um caráter comunicativo que adquire novos formatos cada vez mais velozes e contínuos, a sociedade contemporânea acompanha o advento das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Os novos contextos interativos constituídos na atualidade a partir dessas tecnologias produzem inúmeras possibilidades dos sujeitos se relacionarem e se expressarem socialmente. Nesse sentido, Guattari (1990; 1992) defende ser necessária uma transversalização do pensamento acerca do tema da subjetividade, já que esta não pode ser entendida de modo circunscrito ao sujeito individual. Apesar de toda potência e multiplicidade oferecidas pelas tecnociências, no que se incluem as inteligências artificiais, faz-se necessário um olhar crítico, metódico sobre seus impactos nocivos possíveis e já em andamento, justamente para podermos, como recomenda Lévy (1999), usufruir desses instrumentos no que eles têm de positivo nos planos econômico, político, cultural e humano, simultaneamente, avaliando nossa participação e ao que esta interessa. A sofisticação tecnológica hoje é expressa em grande medida pelas possibilidades ora promovidas pelas inteligências artificiais (IA). Uma IA pode ser definida, de forma geral, como um programa de computador que produz resultados inteligentes (EYSENCK E KEANE, 2017). Pretende-se, portanto, com esse trabalho de comunicação, discutir e debater sobre estudos que busquem compreender de que modo as ferramentas de inteligência artificial atuam na produção das subjetividades contemporâneas, conhecendo as perspectivas teórico-práticas que marcam as pesquisas na área da Psicologia e TICs. Ao revisarmos a bibliografia sobre o tema, notamos a falta de uma possível articulação mais detalhada entre Psicologia e inteligência artificial, o que pode gerar certa surpresa, visto que a IA é a TIC atual que vem ganhando mais espaço na cultura geral. Foram realizadas buscas nas plataformas SciElo, PepSic e Redalyc a respeito do tema, utilizando os descritores “psicologia” e “inteligência artificial”. Obteve-se 84 artigos aptos para os fins da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; inteligência artificial; cibercultura; formação de subjetividade.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NOS PROCESSOS DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO

IVANIA PACASSA, DISCENTE DO CURSO DE PSICOLOGIA, UNIFESO.

LUCIMAR DOS SANTOS REIS, DOCENTE DO CURSO DE PSICOLOGIA, UNIFESO.

A inteligência artificial - IA, está transformando a forma de trabalho e o ambiente de trabalho. Este novo cenário demandará a mudança de comportamento humano no trabalho e diversas adaptações nos processos de trabalho, desempenho laboral e resultados organizacionais e para o negócio. Dessa forma, o objetivo deste estudo é realizar uma revisão de bibliografia acerca da implantação da IA e como os profissionais estão se adaptando às novas tecnologias do trabalho. Para tanto, o método será uma revisão bibliográfica sobre as principais plataformas de artigos em Psicologia Organizacional e do Trabalho a fim de elencar os artigos que tratam das novas tecnologias do trabalho e as implicações no desempenho laboral. Espera-se que os resultados indiquem o atual estado da arte sobre a temática e que os psicólogos organizacionais possam ter a possibilidade de elaborar políticas corporativas para auxiliar os profissionais no processo de adaptação saudável às novas tecnologias do trabalho.

PALAVRAS - CHAVE: psicologia organizacional e do trabalho; inteligência artificial; tecnologia do trabalho; adaptação; saúde do trabalhador.

AUTORREGULAÇÃO EMOCIONAL PARA CRIANÇAS EM SISTEMA DE INCLUSÃO ESCOLAR

MARIANA BERNARDO DA COSTA
ANA PAULA SOARES DE SOUZA RODRIGUES
BLENDIA WEYTINGH PORTO DA SILVA
DOMINIQUE MANGUEIRA RENTO
TAMIRES OLIVEIRA DA SILVA DO VALE

O trabalho trata-se de um relato de experiência desenvolvida em atividade extensionista na Universidade Católica de Petrópolis para a criação de um espaço, nomeado Cantinho do Acolhimento, para os alunos do ensino fundamental em processo de inclusão da Escola Municipalizada Hercília Henriques Moret, no município de Petrópolis. Foram entrevistados a gestão, os professores e mediadores para a coleta de dados a respeito da instituição e fazer um levantamento das demandas existentes. Dentre as demandas citadas, os profissionais destacaram a necessidade de implementar um serviço de Psicologia, de preparar a equipe para lidar com a inclusão e a necessidade de capacitação profissional para lidar melhor com as demandas emocionais dos adolescentes. O espaço foi projetado para ser usado pelo adolescente, voluntariamente, sempre que ele sentir que precisa de silêncio, conforto e calma para lidar com as próprias emoções. A partir de sugestões de educadores e alunos, uma sala acolhimento foi montada com recursos lúdicos como o “emocionômetro”, que permite o reconhecimento e a quantificação das emoções, massinhas, tatames e almofadas decoradas para garantir conforto e acolhimento. Para o melhor aproveitamento, haverá o treinamento dos mediadores escolares. Espera-se que seja um espaço para adquirir habilidades de reconhecer as próprias emoções e regular suas reações, com ferramentas psicossociais suficientes para manejar situações diversas ocorridas no ambiente escolar. Além disso, espera-se o fortalecimento da autoestima, o desenvolvimento da autonomia e das habilidades sociais (a saber, o conjunto de comportamentos sociais valorizados em cada cultura, cuja *performance* pode contribuir para um bom desempenho ao realizar tarefas de relacionamento interpessoal) frente à resolução de problemas. Serão realizados cinco encontros com 20 adolescentes de 11 a 15 anos e 11 mediadores para instrumentalizar sobre autorregulação e o uso adequado da sala.

PALAVRAS-CHAVE: autorregulação emocional; inclusão escolar; psicologia.

A REVITIMIZAÇÃO DA MULHER E A AUSÊNCIA DA FICHA ÚNICA NO REGISTRO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

CAROLINA AGUIAR DE OLIVEIRA

Os dispositivos de atendimento humanizado à vítima de violência doméstica, como a Sala Lilás, aumentaram em todo território nacional nos últimos anos, bem como o número de denúncias. Em Teresópolis, por exemplo, a Sala Lilás, inaugurada em novembro de 2023, já contabiliza 380 atendimentos. A construção histórico-cultural do papel de gênero feminino é de sujeição ao homem, de aprisionamento ao lar e à maternidade, e, os movimentos subjetivos em direção oposta são, por vezes, objetados com violência, sejam as mais sutis ou as mais atrozes. Muito embora o ordenamento jurídico brasileiro conte com dispositivos que garantam o atendimento humanizado às vítimas de violência doméstica, percebe-se na prática um excesso procedimental que resulta em inevitável revitimização. Produto da relação entre a vítima e o sistema jurídico penal, a revitimização concretiza-se, por exemplo, pela falta da unificação do cadastro de atendimento nos diferentes órgãos públicos em que a vítima é recepcionada, resultando na revivência reiterada do episódio violento. O que se pretende discutir é o esvaziamento dos preceitos normativos, na prática, os preceitos normativos esvaziam-se, transformando-se em mero trâmite burocrático, afastados do ideal norteador da lei, qual seja o da proteção dos direitos e garantias às mulheres. A composição de tais dispositivos é marcada pela heterogeneidade de profissionais, que ainda desprovidos de um olhar crítico, perpetuam os ciclos de violência ao reproduzirem anamneses semelhantes no hospital, na delegacia, no Instituto Médico Legal, no Ministério Público, dentre outros. Problematicar situações como essas podem nos levar à criação de mecanismos e práticas com vistas a promover condições menos evasivas que reduzam a revitimização e, conseqüentemente, o sofrimento mental destas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; violência doméstica; ficha única; revitimização.

LOGOTERAPIA E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE *BORDERLINE*: (RE)DESCOBRINDO O SENTIDO DA VIDA

DANIELLY DE REZENDE COUTINHO FARIA

O presente artigo vem mostrar, resumidamente, os aspectos clínicos e sócio-históricos do transtorno de personalidade *borderline* (TPB), bem como as suas características psicopatológicas e como estas afetam a saúde mental, a vida social e o comportamento daqueles que são diagnosticados com este transtorno e apresentar a logoterapia como uma possibilidade eficaz de tratamento terapêutico a essa psicopatologia. Muitas são as complexidades que derivam das características psicopatológicas, citadas acima, dentre as quais, a ideação suicida e/ou o suicídio, que ocorrem em um número acentuado, sendo este o mais grave de todos os comportamentos apresentados e decorrentes do constante vazio existencial que ocorre a pessoa com TPB. Ainda são poucos os registros acadêmicos ou literários a respeito do TPB, dentro da logoterapia, sendo este trabalho uma pesquisa bibliográfica, a fim de colaborar com a temática e visto que, cada dia mais, se aproximam dos consultórios, pessoas em sofrimento emocional e que buscam encontrar um sentido para a sua vida e recursos que possam amenizar as angústias decorrentes do transtorno. A logoterapia se apresenta como uma potente abordagem a ser utilizada nestas situações, pois por meio de suas técnicas e princípios básicos, poderá levar a pessoa a uma análise profunda de toda a sua existência, buscando encontrar nas situações cotidianas, valores criadores, vivenciais e de atitude, que a levarão a encontrar o sentido da vida e a valorização de todo o seu potencial humano, promovendo assim, uma melhor aceitação e superação das dificuldades encontradas na convivência com o TPB. Neste trabalho, será abordado a historiografia do TPB, seu diagnóstico diferencial, o desempenho cognitivo, a ideação suicida e o suicídio, principais dificuldades do TPB, bem como as ferramentas da logoterapia, a ação do psicólogo logoterapeuta podem colaborar no processo terapêutico do paciente com TPB.

PALAVRAS-CHAVE: logoterapia; transtorno de personalidade *borderline*; psicopatologia.

MUSICOTERAPIA NA HUMANIZAÇÃO DO AMBIENTE HOSPITALAR: INTERFACES DA PSICOLOGIA HOSPITALAR

ANA PAULA VERGARA GARCIA
ALESSANDRA LEAL B. MILEZI
AMANDA MENDES NASCIMENTO
EDUARDA ALENCAR DE AMORIM
LUIZA CAMINADA
MARIA CAROLINA AZEVEDO
RISICATO GARCIA DE LIMA

O presente trabalho visa apresentar um estudo sobre como se dá a atuação do psicólogo hospitalar brasileiro utilizando a musicoterapia como forma de intervenção nos cuidados paliativos, ou seja, entender se essa prática é utilizada e se traz resultados. Foi realizada busca nas bases de dados indexadas SciELO e PeP-sic, utilizando-se para pesquisa o termo “musicoterapia” e como descritores, “psicologia hospitalar” e “atenção terciária”. Foram incluídas produções científicas que abordavam a musicoterapia no âmbito hospitalar como tema central, escritos em português, publicados no período de 2005 a 2013. Como questão norteadora do estudo elegeu-se a seguinte indagação: há relação na melhora psicológica dos pacientes de longa internação com o uso da musicoterapia? Para delinear o ensaio teórico, é fundamental contextualizar a prática da musicoterapia no Brasil, considerando as influências culturais, sociais e políticas que afetam sua aplicação em hospitais, especialmente em contextos de cuidados paliativos. A relevância do presente trabalho se dá pelo intuito de embasar essa discussão, permitindo a identificação de estudos que abordam a eficácia da musicoterapia na melhoria psicológica de pacientes em longas internações, também foram consultadas fontes como a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), para obter definições e informações. Esses estudos podem oferecer *insights* valiosos sobre a contribuição da prática da musicoterapia para o bem-estar e a qualidade de vida desses pacientes.

PALAVRAS - CHAVE: musicoterapia, psicologia hospitalar, atenção terciária.

PSICOLOGIA E ARTE: UMA ABERTURA PARA SI MESMO

GIOVANNA ARAGÃO DOS SANTOS PACHECO

LIVIA TEIXEIRA VILARIM

ANA CLOE LOQUES MARRELLI

O campo da Psicologia ainda é cercado por grandes estigmas e representações sociais, sobretudo, no que diz respeito aos transtornos mentais. A falta de informações e os preconceitos acerca destes transtornos geram o medo de estar vulnerável à própria subjetividade, ocasionando um distanciamento do tema. Neste sentido, é imprescindível que as práticas de cuidado no campo da saúde mental sejam inclusivas, humanitárias e expressivas. Com este trabalho, pretendemos evidenciar a importância da construção de um projeto terapêutico singular e da arte como ferramenta para a abordagem dos conflitos intrapsíquicos e estímulo aos modos singulares de subjetivação. Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica em artigos e outras publicações que abordavam tais temas. Neste percurso, notamos a eficiência da arte como uma ferramenta de promoção do cuidado na saúde mental, observando, por exemplo, a abordagem da psiquiatra Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, na década de 1940. Nise revolucionou o cuidado, substituindo as desumanidades que as instituições psiquiátricas provocavam pelo olhar humanizado e pela expressão artística. Sem padrões ou orientações específicas, as atividades produzidas pelos pacientes foram evoluindo das formas abstratas às geométricas, processo que, segundo Nise, revelava muito sobre os movimentos do psiquismo humano. A transformação de um espaço asilar em um lugar de produção de subjetividade e da livre expressão permitiu que os mesmos pudessem fazer da arte, lentes para ver e se comunicar com o mundo, expondo nas obras suas histórias, sofrimentos e transformações. Por meio do uso das cores e das formas, foi ampliada a sensação de pertencimento, promovida a reabilitação psicossocial e permitida uma aproximação mais sutil e singular dos sujeitos com as suas vidas.

PALAVRAS - CHAVE: saúde mental; arte; Nise da Silveira.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

MACIEL, Silvana Carneiro et al. Representações sociais de familiares acerca da loucura e do hospital psiquiátrico. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 193-204, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 de abr de 2024.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. 2009, **Mnemósine**, v. 5, n. 2, pp. 30-52. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41432>>. Acesso em: 17 de abr de 2024.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. Algumas reflexões sobre a arte e a formação do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 100-111, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 de abr de 2024.

MELO, Walter; FERREIRA, Ademir Pacelli. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 16, n. 4, p. 555-569, 2013. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/5QXgznYZh6yhJsrzjh7j3sG/?lang=pt#>>. Acesso em: 19 de abr de 2024.